

# O SAPO

Semanario litterario e humorístico

REDACTORES : DIVERSOS

Redacção

R. 16 de Novembro, 23

CURITYBA, 27 DE NOVEMBRO DE 1898

Assignaturas

Mensal . . . . . 1\$000

ANNUAL . . . . . 10\$000

Nr. 38



## Nephelibata!

Jenny bordava á um canto da meza de jantar.

A mãe — D. Maria — gordanchuda e de oculos de ouro, em frente, do lado opposto lia attentamente um livro de espiritismo.

Calor e silencio, silencio apenas cortado pelo zumbido monotonico e aborrecido de moscas vadias, que, no fundo de chicanas onde havia ainda restos de café, pousavam e voavam de novo, como em uma dança de belzebuths.

Entrou o dono da casa e chefe da familia — o Garcêz — vestido de brim claro, o chapéo pregado á cabeça, o ar grave e solemne como o de um senador romano.

Sentou-se entre as duas, cruzou os braços em cima da meza, e ficou quêdo, meditabundo, com o olhar vago, a bocca apertada.

Depois, passados cinco minutos de um retrahimento incommodo, começou a dizer arrastadamente, com reticencias e visível embaraço, mastigando as palavras:

« Que o Alfredo Araujo... poucos minutos antes... no escriptorio do Sázinho... o levára para um canto... e com muitos rodeios... lhe pedira... Jenny em casamento.....»

D. Maria deixara a leitura, e

olhava fixamente o marido por cima dos oculos.

Jenny continuava a bordar apurando os ouvidos, e tendo as mãos um pouco tremulas.

As moscas zumbiam aborrecidamente.

O Garcêz continuou a dizer com voz cáva, como si ella viesse sahindo do fundo de uma sepultura:

« Que ao principio... elle ficára interdicto... julgando que aquillo... era uma brincadeira... do Alfredo Araujo. Quando vio... porem... que a cousa era séria... disse-lhe terminantemente... que... não !...»

Jenny ficou vermelha como uma cereja madura, e D. Maria deixou o livro.

O Garcêz retomou a palavra: « O rapaz não é ... digno... de você... minha filha !...»

Hontem á noite... na salêta do coronel Pires... fallava-se delle... e... repetia-se... sem rebuço... com a maior sem-cerimonia... e franqueza... apesar da gravidade do caso... direi mesmo... da gravidade do assumpto... que o Alfredo Araujo... é... — com a voz tremula e surda, baixando-a como um mormurio funebre, terminou a frase dizendo: — é... nephelibata ! ! !...»

E ficou por muito tempo com a bocca aberta, na posição com que pronunciára as ultimas syllabas da malaventurada palavra.

D. Maria juntou as mãos diante do nariz, enclavilhando os dedos, e olhou para o tecto, onde uma aranha, com as pernas compridas e finas como os dedos de um pianista magro, concertava os rasgões de uma quasi invisivel teia.

Jenny ficára pallida, mas muito pallida, com as mãos esquecidas no regaço, a bocca entreaberta mostrando brancuras de dentes naturaes, e duas lagrimas brilhantes, redondinhas, a tremeluzirem nos seus olhos negros, presas entre as pestanas; depois, saltaram d'ali, correram-lhe nas faces, e cahiram no bordado.

O Garcêz feixou a bocca, levantou-se, começou a passear com rangidos secos e curtos nos sapatos de sólla grossa.

Jenny levantou a cabeça, e com voz chorosa, mas firme, e onde havia seu tanto quanto de energia, perguntou ao pai:

« Mas... papá, diga-me então o que quer dizer a palavra — nephelibata — ? ! »

O pai parou diante della com as mãos atrás das costas, levantou os hombros á altura das orelhas, espichou o beijo inferior, e respondeu pondo na voz a maior naturalidade deste mundo:

« Homem, isso agora é o que eu não sei ! ! !...»

HYALINO.

## PEROLAS (9)

### Helena

Arredondou a terra carinhoso,  
Abobadou o ceu, vasto e radiante;  
Sobre a terra poz fibras, copioso,  
Foi pondo estrellas pelo ceu adiante.

Depois — valle orvalhado e luminoso, —  
Ficou sorrindo todo o seu semblante.  
E este simples sorriso silencioso  
Era da Gloria a estrophe palpitante.

O tempo em vão de secul'is se enchia;  
Milhões de vezes transformou-se a scena:  
Esse vivo sorriso ainda sorria!

Mas tinha enfim de apreciar Helena:  
Elle fundiu-se, transformou-se um dia,  
Quando ella, então nasceu, doce e serena!

NESTOR VICTOR.



## NEVER MORE

A' LEITE JUNIOR.

A se embrenharem pelos tempos idos;  
Recordações, que a mente vem chorando!  
Os dois velhinhos, meigos, entretidos,  
Vão o passado, recapitulando!...

Ao lado, no balcão, Laura e Armando,  
Em doce devaneio, vão perdidos...  
Os castellos de amor edelicando,  
N'um murmúrio de labios confundidos!

Boia no espaço a lua macerada,  
E, pela matta fresca, rociada,  
Passa da noite, o vento gemebundo.

Emquanto na cosinha, descuidados,  
O bando de mucamas e criados,  
Contam historias d'almas d'outro mundo.

THIAGO PEIXOTO.

## Opulencia

A' VESPASIANO TOURINHO.

Risos adoraveis!...

Risos deliciosos, os seos!...

Sonorisam minh'alma como  
aves, em trillos, o espaço infindo.

Desprendem-se subtis—Euros  
nas ramas dos jasmineiros—es-  
tribilhando eternamente a gam-  
ma das alegrias.

Risos deliciosos!...

Irrompem com a aurora e nem  
o sonno consegue fenecer-os :  
adormecida, tem no rosto uma  
expressão risonha.

São eternos os seos sorrisos!...

São adoraveis!...

Erram em seos labios e d'elles  
se evolvem como o perfume evola-  
se das flores.

—Phantasias?

—Puerilidades, talvez...

Mas, ás vezes, imagino-me  
immensamente rico. E essa ri-  
queza enorme é toda para Ella,  
para immergil-A em vagas de  
purpuras e pedrarias raras. Na  
mente exaltada concebo fausto-  
sos palacios de brocatello, de  
pórphyro, betado de veios irisa-  
dos, escadarias de crystal ful-  
gente.

Idealiso seo cofre de joias,  
dourado cofre facetado, fóra—seo  
nome monogramado em rubius,  
dentro—dentro diamantes irra-  
diando como um punhado de  
soes. E a granel os adereços pre-  
ciosos. Broches de esmeraldas e  
saphiras, gargantilhas de rosadas  
calcedonias e analcimes cõr de  
carne, aneis com grandes tur-  
quezas ou jacinthos da Bohemia,  
diademas com crisolitas fulvas.  
Adereços riquissimos, constella-  
dos de diamantes da Golconda e  
perolas roubadas ao golfo de  
Manaar...

Riquezas collossaes, as mi-  
nhas!...

Maravilhosas phantasias!

Adoraveis os seos sorrisos!

Deliciosos!...

Quando eu lhe narro, inge-  
nuamente, esses devaneios loucos,  
elles se tornam levemente ironi-  
cos. E mereço essa ironia.

Um pobre tão pretencioso!

Embora!

Tenho uma fortuna: os seos  
sorrisos!...

Risos amoraveis que sonori-  
sam minh'alma como aves, em  
trillos, o espaço infindo...

EUCLIDES BANDEIRA.

## Junto de ti...

— A' M. N. —

Junto de ti eu sinto minha amante  
Meu coração repleto de alegria  
E nem sequer eu penso um só instante  
Que existem maguas, flor de primazia.

Extasiado, louco e dilirante  
Eu fito Marcia a tua tez macia...  
Tudo p'ra mim é bello e deslumbrante,  
Tudo me encanta e tudo me extasia!

Leio em teus olhos — rutilas estrellas  
Que me guiam, da vida, nas procellas —  
Todo o segredo que tu guardas n'alma...

E julgo que n'um céu todo estrelado,  
Como n'um sonho bello, aprimorado,  
Nós vivemos querida, em doce calma.

ADOLPHO WERNECK.



## Edith

Hora da sésta.

Cabellos levemente esparso-  
sobre a cutis de alvura rosea,  
d'uma frescura matinal, a loira  
Edith brandamente recostada em  
doce abandono n'uma espregui-  
çadeira, lê.

Os seus olhos perpassam ma-  
chinalmente as linhas e, ora bo-  
cejando, ora virando as paginas  
extensas, ella procura alguma  
que satisfaça-lhe um prazer, o seu  
orgulho de mulher bonita.

De repente pára, os seus olhos  
ha pouco amortecidos de uma leve  
dormencia illuminam-se como por  
uma corrente electrica e os seus  
raios visuaes caem fixos e per-  
pendicularmente n'um pequenino  
conto, grito afflictivo de uma alma  
ferida pelos estylletes do orgulho  
feminino.

« silencio oh !  
alma torturada, incomprehendida,  
que ella não saiba que o teo amor  
foi grande e sublime na sua apo-  
theose glorificante ».

Depois domina-a uma morna  
languidez de goso, paira-lhe nos  
labios um pallido sorriso de iron-  
nia e o seo corpo estremece n'um  
arrepio delicioso de volupia.

Suas palpebras ja pesadas  
cerram-se brandamente deixando  
entrever no esquecimento do  
mundo exterior, um fundo negro  
onde resalta a figura esqueletica  
d'um mancebo que lhe repete em  
surdina as ultimas palavras da-  
quelle conto intimo.

Beija-lhe a brisa n'uma cari-  
cia intima de irmãs, fazendo voar  
as suas doiradas madeixas espar-  
sas por sobre a cutis d'uma al-  
vura rosea, d'uma frescura ma-  
tinal.

B. NICOLÃO SANTOS.





## Expressões

Lemos na « Gazeta dos Campos » :

« O SAPO. — Este nosso collega vem cada vez mais interessante e cheio de adorável *humour*.

Collaborado por intelligentes moços cheios de espirito, semeando pelos jardins da sua bella prosa e dos seus interessantes versos, as flores perfumosas da sua fina verve.

Que venha sempre, interminavelmente, suavisar-nos os momentos insupportaveis de *spleen* — são os nossos summos desejos. »

Lemos na « Estrella » :

« O SAPO. — Temos recebido varios numeros deste semanario artistico redigido por alguns jovens desta capital e nitidamente impresso na typographia Economica.

Dentre as suas produções litterarias, umas brilham bastante pela forma e gosto, revelando imaginação fecunda e feliz por suas bellas e surprehendentes imagens, que honram aos seus compositores, embora algumas dellas em fundo ou invisivel toleravel.

Outras, porem, comquanto polidas, de estrutura poetica e perfeitas quanto á medida, cadencia e ritmo; todavia, ao invisivel melindram sobre modo a delicadeza d'uma alma bem formada, provindo isso da escola naturalista, onde os autores costumam colher as suas inspirações, optando aos altos ideaes da divina arte, os phenomenos evolutivos inferiores do mundo organico ou da materia.

Tal é a razão pela qual lamentamos que tão vivas e promettedoras intelligencias, povoadas por tantas bellezas imaginativas, não se applichem de preferencia a uma outra escola mais elevada, sentimental e espiritualista que as approxime com maior scintillação do verdadeiro e mais alto ideal da poesia e que deverá tornar-as amantes e admiradoras das melodiosas, doces e sentimentaes produções de Dante e Lamartine, este uma das glorias da litteratura franceza e aquelle universalmente reconhecido pelo mais genial compositor artistico da litteratura italiana.

Oxalá, pois, mudem os nossos jovens e esperançosos litteratos de escola, afim de que mais brilhantemente sobresaia e se apurem os seus geniaes talentos em escola, mais nobre, mais santa e mais elevada.

Relevem a franqueza de nossa apreciação, que, segundo o nosso programma,

combate prejuizos de nossa instrução, mas em nada offende a personalidade de quem quer que seja. »

Lamentamos profundamente que a escola por nós trilhada em litteratura, não seja aquella defendida pelo illustre Redactor da « Estrella ».

Quanto a mudança, é isto totalmente impossivel! Tendo o « Sapo » diversos collaboradores, não é possivel que todos amoldem-se a uma escola.

Como o illustre Redactor, tambem sabemos apreciar as « meliodiosas, doces e sentimentaes produções de Dante e Lamartine. »

Oxalá, apreciasse tambem o digno collega, as vigorosas paginas de um livro do glorioso Zolá.

Agora, parodiando a phrase de um illustrado ministro de Deus, dizemos nós :

« Sendo o illustre Redactor da « Estrella » contrario á escola naturalista não quer que os outros tenham a liberdade de pensar de modo differente do seo.

O « Sapo », agradece a seus dignos collegas.

## Farpas

A « Gazeta do Povo », fez troça com o plano criterioso e justissimo do Turibio.

Menos generosa que a « Republica », que tomou a serio e acoroção o grande projecto d'aquelle cidadão, a « Gazeta » finge ignorar quaes sejam os *conhecimentos profundos* que o Turibio pretende adquirir.

E' inegavel a intelligencia d'este senhor, a sua actividade mascula, a sua tenacidade no trabalho, — attributos que lhe valeram o invejavel qualificativo de *yankee paranaense*.

Com esses predicados, que ninguem lhe contestará, e mais a não pequena cultura espiritual de que gosa, não se pode duvidar, um momento sequer, da exequibilidade do seu elevado designio.

Duvidar d'isso, é duvidar, com iniquidade manifesta, da efficacia dos esforços humanos.

E quando um homem se atira assim, com tão inabalavel resolução, a qualquer empreza, seja ella ardua ou seja facil; é dever de todos os que se não rebellam contra as leis da Evolução e do Progresso, applaudirem a coragem de tal homem, attendendo á utilidade social que da empreza possa, porventura advir.

Não devemos, pois, oppôr-nos á justa pretensão do sr. Turibio. Deixal-o que vá onde quer ir. Os *conhecimentos profundos* que elle deseja ganhar e de que dará conta opportunamente, estão a metter-se-nos pelos olhos; todavia, (ó dolorosa adversativa!) todavia, com franqueza, eu não sei, — devido á exiguidade da minha faculdade perceptiva, — que diabo d'isto é aquillo...

Conte o Sr. Turibio com o meu fraco apoio dispensavel, e tenha certeza de que minha pobre penna correrá sobre o papel, garatujando encomios ethusiasticos, quando o vir de volta de sua excursão, cheio de conhecimentos profundos...

EPAMINONDAS.



## Utopias

N'este mundo ingrato, uma pessoa não tem o direito de ser senhora de si.

Assim é que quando eu, reptreada n'uma *chaise-longue*, de verão, abstrahia-me, n'um somnambulismo meigo, das torturas da vida, senti alguém tanger o tympano da sala de espera, despertando-me, assim, da dulcida abstração em que estava immersa.

Logo que o fiz, porém, apresenta-se-me um carteiro e, em curvatura bajulatoria, murmurou: — « *Excellentissima...* »

Após o preludio dessa palavra aristocrata, entregou-me uma carta fechada n'um *chic* envelope diplomata.

Assim que achei-me só, voltei á posição em que estava e, levantei-me...

tando a persiana do meu gabinete, rasguei o envelope, lendo o seguinte :

« Exma. Sra.—Na qualidade de publicista escriptora d' *O Sapo*, vou incumbir V. Ex. d'uma fineza que, espero, ser-me-á facultada.

Como sabe, tenho publicado alguma coisa que, si nada vale, ao menos enche columna e nada mais, e isso ja não é tão pouco.

Sabendo, porem, que—A. S.,—do « Cysne », folha publicada em Antonina, houvera feito, n'uma chronica dessa folha, um juizo menos lisongeiro á *Florentino Junior*, que tem sido meu pseudonymo n'« *O Sapo* », eu o convido que, por intermedio de V. Ex., declare com lealdade si tem ou não fundamento o que exponho.

Sinto que me não seja enviado o « Cysne » afim de melhor julgar da alludida *critica*.

Ao terminar, esperando que V. Ex. interceda por mim junto ao « Cysne », agradeço-lhe antecipadamente a honroza fineza.

Ponta Grossa, 25—II—1898.

M. COSTA. »

Eis ahi a grande coisa que abalou-me da minha deliciosa *chaise-longue*.

Em attenção, porém, ao meu particular amigo M. Costa, (em cuja fazenda recuperei a minha saúde, na pittoresca Ponta Grossa!), eu, fazendo minha a sua justa queixa, emprazo á « *O Cysne* », tão dignamente redigido pelo meu não menos particular amigo Isidoro Pinto, á declarar quem é —A. S.,— ou fazel-o elucidar a questão da *critica*.

Acreditando que o correcto organ da sociedade Antonineuse se não esquivará á dar-me essa honrosa satisfação; eu espero ver, em breve, eliminado esse ridiculo *disque*, sem quebra de dignidade ás altas partes, não contractantes, mas sim... *escripturantes*.

Do « *Cysne* » espera uma satisfação, agradecendo-a antecipadamente, a

LOGUSTA.



## Folhinhas

Em uma escola de aldeia, o Professor ao discipulo:

—Menino, quem foi o protomartyr de nossa liberdade?

—Tiradentes.

—E trahidor?

—Silverio.

(O professor zangado) — Menino não seja burro, o trahidor foi Gonzaga; para outra vez estude melhor a nossa historia *Patria*.

\* \*

### RIMAS A' MALHO

No « Club Curitybanõ »  
Dançou-se a grande *dançar*  
E todos os pormenores,  
A' « *O Sapo* » venho contar!

O Bueno tão *gostoso*  
Na polkinha militar,  
Fez tantas, tantas proesas  
Que encabullou o Gaspar

Logo atraz o Eugeniinho  
—O Fantoche mexicano—  
Que inventou um *schottis*  
No « Club Curitybano ».  
Estava tão bonitinho,  
Estava todo *magano*!

O Raniel, — Poetastro —  
Que trova pão com *chouriço*,  
Levou no bolço, escondido,  
Um pedaço de *salchicho*.

O Leopoldino dos livros  
Esse *pobre*, esse *diabo*,  
Tão bello como uma moça  
E rico como um nababo!  
Tem feito tantas *proezas*  
Tantas cousas de *psamar*,  
Na polkinha tão catita,  
Na polkinha militar!

O Benjamin e Plaisant,  
Forão vestidos de anjinhos,  
Com azas de casca d'alho  
Dansavam doces... mansinhos

O nosso *elegante* Jouve  
Com sua barbinha andó,  
O novo aprendiz de musica  
A repetir sempre o *Dó*  
Estava bem *jarurú*,  
Com sua barbinha andó.

O Lucidinho sem *graça*  
Andava todo iracundo  
E exclamava zangado  
Não ha prazer neste mundo.

Depois o Nino, portento,  
Com cara de carrapeta,  
Vinha todo satisfeito  
Do Restaurant La Trombeta  
Do Domingos pintadinho,  
Que vende feijão miudinho,

O Peixotinho, coitado!  
Andava como um *chorão*,  
Pudéra, deixou tão longe  
O seo terno coração.

II

E todos, depois das *duas*  
Com cara de quem não mama,  
Forão alegres... risonhos...  
Dançar a polka na cama.

GASPARONE.

## Brevemente Almanach Paranaense

PARA

1899

Com o retrato e a biographia do  
Padre Julio Ribeiro de Campos.

Uma interessante

PARTE LITTERARIA

Alem de muitas outras materias  
de utilidade publica.

REDACTOR:

José Goncalves de Moraes

TYPOGRAPHIA DA LIVRARIA ECONOMICA